

Consciência: uma abordagem sobre níveis de manifestação

Consciousness: an approach on expression levels

Lionara Fusari

Faculdades Integradas São Judas Tadeu

lionafusari@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5295291461628396>

Resumo

O artigo investiga a possibilidade do fenômeno da consciência apresentar-se através de níveis distintos de expressão. É oferecida uma raiz teórica, na história da filosofia, como ponto de partida para, em seguida, argumentar em favor dessa concepção através do prisma neurocientífico. Também é salientada a proficuidade desses distintos níveis de expressão consciente no âmbito das investigações filosóficas contemporâneas.

Palavras-chave

Consciência; Fenômeno; Neurociência; Níveis de manifestação.

Abstract

This paper inquires the possibility of consciousness phenomenon presents itself through different expression levels. A theoretical root like a starting point, in the history of philosophy, it is offered to, then, argue in favor of this conception through neuroscientific view. As well it is highlighted the productivity of these conscious expression distinct levels within the contemporary philosophical investigations scope.

Keywords

Consciousness; Phenomenon; Neuroscience; Expression levels.

1. Introdução

Em nossa vida cotidiana, “talvez nenhum aspecto da mente seja mais familiar ou mais enigmático do que consciência em nossa experiência consciente do eu e do mundo”, segundo Robert Van Gulik (2014). Com isso em vista, abordar a temática da consciência nos remete em primeiro lugar a refletir sobre um fenômeno que é, além de desafiador, complexo e pode ser investigado sob múltiplos pontos de vista.

Fenômeno, ou *phainómenon* – termo originário da língua grega –, indica algo que surge, que aparece, que se expressa, que se revela, e que aparentemente não estava presente mas que pode ser reconhecido nas mais diversas situações e se dá a conhecer em alguma medida.

A etimologia da palavra “consciência” possui suas raízes na língua latina e se refere ao *saber em comum*. Ou seja, é um saber que as pessoas em geral podem compartilhar, aprofundar e transmiti-lo aos demais que integram seus grupos de convívio.

Procure a definição de *consciência* em um dicionário comum e provavelmente encontrará a variação desta: “consciência é um estado de percepção de si mesmo e do mundo circundante”. Substitua *percepção* por *conhecimento* e *si mesmo* por *a própria existência*, e o resultado é uma definição que capta alguns aspectos essenciais da consciência como a vejo: *consciência é um estado mental no qual existe o conhecimento da própria existência e da existência do mundo circundante*. Consciência é um *estado mental* – se não há mente, não há consciência; consciência é um estado mental *específico*, enriquecido por uma sensação do organismo

específico no qual a mente atua; e o estado mental inclui o conhecimento que situa essa existência: o conhecimento de que existem objetos e eventos ao redor (Damásio, 2011, p. 197).

Tal estado consciente que proporciona ao ser humano a possibilidade de formular conhecimentos provém de processos perceptivos, cognitivos e reflexivos, dentre outros aspectos que permanecem em aberto e dos quais ainda não se dispõe uma clara compreensão sobre eles.

Nesse sentido, na aurora do surgimento do ser humano sobre a terra, se fosse possível fazer uma viagem de retorno para lá e observar *in loco* as circunstâncias, seria possível testemunhar a longa jornada de desenvolvimento pela qual esse ser passou e, desse modo, seria possível visualizar o fenômeno da consciência integrado a todas as circunstâncias de maneira perene na vida humana. Nesse sentido, ao se reportar para milhares de anos atrás na trajetória evolutiva é possível constatar que o gênero *homo sapiens* de diversas épocas e locais diferentes exprimia consciência – mas o fenômeno apresentava características significativamente diferentes das atuais. A capacidade de criar instrumentos de caça e ferramentas para o labor da terra, comunicar-se por meio de sons e – após longo tempo – pela linguagem, realizar o registro de “fatos” (pictografia), entre tantos outros aspectos que poderiam ser aqui elencados, evidenciam que desde que o humano se exprime como tal sobre a Terra ele se mantém sobrevivendo, adaptando-se e organizando-se no convívio social através do fenômeno da consciência – mesmo que tal fenômeno se encontrasse em outro nível de expressão e não possuísse a “sofisticação” racional¹ que na contemporaneidade é percebida.

Apesar do nível de expressão da consciência diferenciar o *homo sapiens* primitivo do contemporâneo nem por isso se estaria a tratar de um fenômeno diferente do atual, mas de um patamar de consciência que aparece como pressuposto e base primordial e indispensável para que o ser humano chegasse a se exprimir de um modo consciente tão “complexo” (e talvez privilegiado) e “sofisticado” como hoje é reconhecido – e que gera tanta curiosidade e investigações (tanto na ciência em geral, como na neurociência, na filosofia da mente, na filosofia como um todo, na psicologia etc.). No período da Antiguidade também esteve presente a inquirição sobre essa função que o ser humano exerce e que lhe possibilita interagir com o mundo. Contudo, conforme Eric Lormand (1998), antes de a história da humanidade atingir o período moderno, os escritores pré-cartesianos compartilham um comprometimento com uma fonte especial do conhecimento reflexivo, frequentemente chamada de “sentido interior”. Dessa forma, antes da era moderna da humanidade, o que pode ser dito em função da investigação do fenômeno da consciência difere amplamente no que se refere ao *sentido* e ao *uso* que ele possuía em tempos mais remotos se comparado às circunstâncias mais recentes (os últimos quinhentos anos). Segundo Gulik (2014) nas culturas pré-letradas já apareciam os primeiros indícios de uma visão espiritual ou pelo menos animista que indicavam um grau de reflexão sobre a natureza consciente. Os gregos antigos apresentaram um uso de termos sobre o fenômeno da consciência que pode ser considerado como correlato da terminologia atual, muito embora seja crucial salientar que o entendimento dos estudiosos antigos é significativamente divergente – se refere à uma perspectiva de interioridade relacionada ao “coração”, enquanto que na modernidade o entendimento do fenômeno está enraizado na “mente”. Esse sentido interior dizia respeito às funções do *thymos* (do coração) (Parry, 2014; Simha, 2009), como uma consulta interna que cada um realizava a si mesmo e tomava a decisão de agir em conformidade ou não com determinada

¹ O termo “racional” ou “racionalidade” se refere à capacidade reflexiva que o ser humano possui de apreender a realidade e, por consequência, decodificar os dados por meio de categorias, utilizar-se de regramentos lógicos de pensamento para realizar inferências, escolher, agir, se relacionar segundo determinados parâmetros previamente estabelecidos com vista a regular a sua vida e a da sociedade. A racionalidade do ser humano possui como pressuposto fundamental a expressão da consciência de um sujeito, pois sem a manifestação de *estar ciente de algo* não é viável efetuar quaisquer outros processamentos por meio da razão individual.

moralidade. Ressalta-se que nesse longo período o fenômeno da consciência não apresentava uma terminologia clara e nem mesmo precisa. Por vezes tal fenômeno era designado como “alma”, “espírito”, “interioridade”, “faculdade sensível” e também não havia nitidez sobre quem seria o “autor” das percepções, dos pensamentos e das reflexões que os seres humanos exprimiam.

Ao assumir esse prelúdio este artigo objetiva explicitar possíveis incidências das descobertas neurocientíficas, e das reflexões a partir daí realizadas, sobre a problemática da consciência no campo filosófico. Conjugado a esse intento, especificamente procura-se a) apresentar uma possível gênese do debate e b) indicar de que maneira tal discussão contemporaneamente é levantada pela neurociência. A partir daqui argumenta-se que a concepção do fenômeno da consciência paulatinamente foi construída sobre bases históricas e descobertas científicas. E ao lado disso, acrescenta-se que essas transformações suscitam um novo viés de análise em relação a esse fenômeno e incidem na filosofia, como área do conhecimento, ao requerer dela posições que expressem maior acurácia interpretativa.

2. Explorar novos mundos, obter conhecimento

Com a sucessão dos séculos os seres humanos cada vez mais se modificaram intelectualmente, acumularam mais informações, tornaram-se mais curiosos e, em alguma medida, obtiveram uma significativa bagagem de alicerces intelectuais. Todavia, o sujeito naturalmente encontra-se em estado de inquietude frente a si próprio e aos conhecimentos obtidos. Com base no anseio de buscar outros conhecimentos e com vistas a explorar um mundo ainda desconhecido, diversos indivíduos começaram um empreendimento pioneiro nos mares do século XV. Mesmo sem coordenadas precisas, com inúmeras incertezas frente ao mundo incógnito, esse passo se implantou na história da humanidade como uma das sementes que se enraizou no processo científico moderno que contribuiria para instaurar e ampliar maior confiança no fenômeno da consciência pelo fato de vir a acarretar uma significativa “ciência” mantida sobre a realidade e os objetos – e entenda-se aqui “ciência” como um ato de compreensão mais confiável da exterioridade através das próprias capacidades cognoscitivas.

Desse modo, o período das grandes navegações que proporcionou descobertas de “novos mundos” antes não imaginados, por volta do final do século XV, revelou que os conhecimentos até então mantidos pela descrição da geografia antiga precisavam ser revisados e reformulados (Marcondes, 2010). Começou assim um novo empreendimento por parte dos pensadores da época para formular métodos inovadores de investigação que pudessem fornecer bases seguras para desenvolver resultados mais apropriados sobre o mundo circundante.

As próprias mudanças religiosas ocorridas no século XVI, como a *Reforma Protestante*, valorizaram significativamente a expressão da consciência individual, como dotada de autonomia e de uma autoridade pessoal (Marcondes, 2010). O fenômeno da consciência não era mais somente uma tácita aceitação dos ensinamentos eclesiais ou das afirmações oriundas das tradições culturais, mas já partia da própria individualidade de cada sujeito. Esse movimento transformador colocou em evidência o sujeito como aquele que possuía um papel ativo na formulação de novos conhecimentos (que fossem seguros) e não apenas como um ser que passivamente recebia conteúdos prontos que deveriam ser introjetados devido às determinações de uma autoridade. Ou seja, o fenômeno da consciência em suas expressões relativas às noções científicas e novas interpretações da realidade começava a ganhar maior credibilidade por parte de alguns cientistas da época – porém, isso também fazia aumentar o conflito e a desconfiança eclesial dos “representantes divinos” do catolicismo em relação a quem assumia ares de independência de sua consciência frente a uma divindade.

Gulik (2014) indica que embora as palavras “côncio” e “consciência” sejam usadas de forma completamente diferente na atualidade, foi provavelmente a ênfase da Reforma Protestante, sobre a noção de “consciência” como uma fonte interna de verdade, que exerceu algum papel na virada *para dentro do sujeito* assim característico da visão reflexiva moderna do eu. Isso contribuiu amplamente para uma mudança qualitativa no entendimento do significado do fenômeno da consciência, tornando-se um grande passo para a humanidade na dimensão filosófico-científica.

Podemos considerar assim que, de um ponto de vista filosófico, a Reforma [Protestante] aparece neste momento como representante da defesa da liberdade individual e da consciência como lugar da certeza, sendo o indivíduo capaz pela sua luz natural de chegar à verdade (em questões religiosas) e contestar a autoridade institucional e o saber tradicional, posições que se generalizarão além do campo religioso e serão fundamentais no desenvolvimento do pensamento moderno, encontrando-se expressas um século depois em seu mais importante representante, René Descartes. A ênfase dada por Lutero na passagem citada, à consciência, certamente prenuncia a filosofia de Descartes, bem como o espírito crítico característico da modernidade (Marcondes, 2010, p. 153).

Desse modo o fenômeno da consciência veio a ingressar em um momento histórico no qual processualmente foi sendo mais valorizado (do que em outros tempos) e caracterizado como componente da vida mental de uma pessoa que possui um papel determinante na manutenção do conhecimento, na reformulação de antigas “certezas” e, principalmente, em proporcionar condições para que o ser humano pudesse se posicionar reflexivamente frente ao mundo – postura esta que faz o sujeito sair de uma atitude passiva e partir para uma dinâmica de ativo precursor no desenvolvimento de novas ideias e teorias sobre a realidade. Isto é, o fenômeno da consciência ganha confiabilidade e reconhecimento, dos filósofos e cientistas da modernidade, de que é um componente crucial para que o ser humano produza processualmente novos saberes sobre si e sobre a natureza, a realidade e os diversos contextos com os quais entra em contato.

Gulik (2014), nesse sentido, afirma que ao iniciar a recente era moderna o fenômeno da consciência tornou-se completamente central no que se refere a refletir sobre a mente e, na verdade, a partir da metade do século XVII até o século XIX, a expressão da consciência esteve amplamente relacionada de forma essencial ou definitiva à mente. As mudanças sociais, ocorridas por meio da Reforma Protestante e através do surgimento de novos rumos científicos na era moderna, proporcionaram ao ser humano um ganho de protagonismo reflexivo pelo fato de que o sujeito foi considerado como um agente que tinha condições racionais de decodificar o mundo circundante e, ainda, confiar em suas percepções e análises conscientes. Ao valorizar a própria mente, e suas experiências conscientes, o sujeito do início da Modernidade passou a confiar na própria percepção e nos processamentos lógicos que realizava, sem depender da chancela de uma divindade ou instituição que assegurasse a “exatidão” ou “correção” dos conteúdos que se faziam presentes em sua mente. Esse aspecto revolucionou a filosofia, a ciência e o mundo em todos os sentidos epistemológicos que podem ser reconhecidos significativamente ainda na atualidade: os paradigmas de cognição, análise e hermenêutica do ser humano diante do mundo se alteraram de maneira jamais vista. Através da própria mente, e da expressão da consciência individual, o ser humano se tornou um crítico do seu entorno (e, por vezes, de si) e abriu as portas para novos conhecimentos.

O humanismo renascentista havia colocado o homem no centro de suas preocupações éticas, estéticas e políticas. [...] A revolução científica pode ser considerada uma grande realização do espírito crítico humano, com sua formulação de hipóteses ousadas e inovadoras e com sua busca de alternativas para a explicação científica (Marcondes, 2010, p. 158).

A revolução científica indicava a sua confiança no fenômeno da consciência. Estruturase, então, uma nova configuração de produção do conhecimento no campo científico-social que provém de formulações críticas (distinção, classificação e aprofundamento) oriundas de cada sujeito na medida em que ele as produz a partir da observação de si próprio, dos objetos, da natureza e do cosmos. Essa nova configuração de produção do conhecimento vem permanecer assentada na expressão da consciência de cada sujeito, a partir do movimento reflexivo (do “dobrar-se sobre si próprio” em sua interioridade consciente) vai analisando a realidade em busca de indicativos teóricos na qual ele permite-se formular hipóteses por vezes atrevidas e, em tantas outras, revolucionárias – se comparadas àquelas vigentes por longos séculos. Nicolau Copérnico, Galileu Galilei, Giordano Bruno e Jonas Kepler são arquétipos que ilustram muito bem essa mudança de paradigma no que se refere à confiança na própria consciência e nos processamentos da realidade que esse fenômeno realiza.

Inserido nesse panorama, Descartes (1596-1650) se debruça na investigação daquilo que fornece garantias ao conhecimento, procurando as bases seguras da *episteme* (e não da *doxa*) e também compreender a relação entre a consciência e a existência do sujeito. Esse pensador, diferentemente de seus contemporâneos, fiava-se na possibilidade do fenômeno da consciência conduzir o sujeito a resultados teóricos e práticos fidedignos.

Descartes não tinha dúvida de que seres humanos sabiam coisas e eram capazes de descobrir outras, incluindo (pelo menos desde seu insight metafísico de 1629) verdades fundamentais sobre a estrutura básica da realidade. Ele também acreditava ainda que os métodos filosóficos ensinados nas escolas de seu tempo e usados por muitos de seus contemporâneos eram profundamente falhos (Hatfield, 2014, s/p).

É pela crítica em relação aos métodos filosóficos de sua época que Descartes torna a dúvida hiperbólica o epicentro da manifestação da consciência que efetua uma reviravolta no campo do saber do século XVII. A partir desse momento, e desse procedimento que conduz a resultados tão revolucionários se comparados aos anteriores a Descartes, o fenômeno da consciência passa a ser reconhecido em seu nível mais sofisticado de manifestação. Hatfield (2014) assinala que Descartes não estava visando uma certeza metafísica concernente a uma mente independente do mundo, mas estava meramente buscando um conjunto de crenças coerentes internamente. E é nesse sentido que coerência interna das crenças torna-se a expressão privilegiada do nível de consciência que pode ser considerado o mais sofisticado no sujeito.

Com a reviravolta cartesiana, em relação à confiança na manifestação da consciência e ao reconhecimento das manifestações da mente humana como fonte epistemológica, tal fenômeno aqui aprofundado foi transposto para um patamar complexo (e bastante elevado se comparado a outros conceitos) no âmbito da filosofia. Com isso, Descartes deixou um legado filosófico no que se refere à compreensão e à pesquisa sobre o fenômeno da consciência, em que esse fenômeno deixou de ser um mero receptáculo de conteúdos (inspirados por uma entidade divina, ou algum outro tipo de inspiração externa) para se tornar um veículo de identificação, abordagem e aprofundamento de dados que despertam o interesse do sujeito. É salutar destacar que a reviravolta filosófica realizada foi tão grande que o uso do termo “consciência” relativo ao conhecimento reflexivo espalhou-se rapidamente na geração de filósofos europeus posteriores a Descartes, tal como é possível ver nas obras de John Locke (consciência como a percepção daquilo que passa na mente do sujeito), Gottfried Wilhelm Leibniz (apercepção), Immanuel Kant (apercepção empírica; fluxo de aparências internas), como pontua Lormand (1998).

Nas *Meditações sobre filosofia primeira*, Descartes destaca a possibilidade que a consciência dá ao sujeito de conhecer as coisas exteriores (inerentes ao mundo e ao que ocorre nele) como também realizar o processo de autoconhecimento. A questão central das *Meditações* é corrigir a situação conflitante em relação ao confronto de ideias por vezes falsas e por vezes verdadeiras

segundo Bonjour e Baker (2010). Para corrigir e avaliar os resultados é imprescindível conferir e retificar a maneira pela qual são apreendidos e decodificados os dados, isto é, o nível de captação consciente do mundo precisa se encontrar em um patamar de integração racional no qual exista conexão entre aquilo que o mundo é o que se percebe dele – e que o seu produto não seja distorcido e nem imaginativo-projetivo.² Tal pensador apresenta na Sexta Meditação desse livro, dentre tantos outros aspectos, a diferença entre imaginação e intelecção, sendo essa última aquela que percebe o mundo, o analisa e pondera sobre ele, formulando conclusões sobre a natureza. Isto é, por meio daquilo que chega aos sentidos (captados pela mente consciente) constroem-se condições de obter conhecimentos, fazer julgamentos e tudo o mais que tal fenômeno habilita cada pessoa. Por outro lado, Descartes coloca em destaque o papel da mente (que se manifesta, por conseguinte, como consciência) como conhecedora da natureza. Nas palavras desse pensador verifica-se abaixo:

Quanto, porém, às outras coisas que ou são apenas particulares – por exemplo, que o sol tem tal tamanho ou figura etc. – ou são coisas que entendo menos claramente – como a luz, o som a dor e semelhantes –, não obstante sejam duvidosas e incertas, o próprio fato de Deus não ser enganador e, por isso, falsidade alguma pode ser encontrada em minhas opiniões, se ele não me atribuiu também alguma faculdade para a emendar, mostra-me que posso ter uma esperança certa de alcançar a verdade, também no que diz respeito a elas.

E, seguramente, não há dúvida de que todas as coisas que a natureza me ensina têm algo de verdade. Por natureza, genericamente considerada, nada mais entendo, neste momento, que Deus ele mesmo, ou a coordenação por ele instituída de todas as coisas criadas. E, por minha natureza, em particular, não entendo senão o complexo de todas as coisas que me foram atribuídas por Deus (Descartes, 2004, p. 173).

E Descartes ainda sinaliza que:

A natureza deu-me as percepções dos sentidos para que propriamente fosse significado à mente o que é cômodo ou incômodo ao composto, uma de cujas partes é a mente, e, até aqui, essas percepções são suficientemente claras e distintas. Entretanto, emprego-as eu como se as fossem regras certas para conduzir ao conhecimento imediato da essência dos corpos postos fora de nós, a respeito da qual nada significam, contudo, a não ser muito obscura e confusamente (Descartes, 2004, p. 179).

Os processos perceptivos acontecem por meio da consciência. Assim, tal fenômeno habilita o sujeito a todos os demais processamentos cognitivos. Na medida em que objetos (ou situações) se encontram fora da percepção e da análise consciente eles são considerados obscuros e confusos; mas ao passo em que sobre tais dados incide o fenômeno da consciência do sujeito aí se constata a expressão de um significativo nível de complexidade atuando no ato de ser consciente de algo. E na medida em que essa consciência, que se apresenta em cada humano, se revela como passível de se aprofundar sobre os dados, se reconhecer, se inquirir, se colocar hipoteticamente frente a algo, ou realizar inúmeras outras correlações, esse pensador da Modernidade expõe a complexidade do fenômeno em relação ao nível presente na expressão individual.

² Certamente é de fácil reconhecimento que, apesar de Descartes desejar obter “ideias claras e distintas” para chegar à “certeza do conhecimento”, a mente humana através do fenômeno da consciência se equivoca inúmeras e repetidas vezes ao longo da vida de uma pessoa devido a inúmeros fatores: condições visuais distorcidas ou prejudicadas pelos fenômenos da natureza ou problemas de visão, situações cotidianas que podem ser forçadas para se assemelharem ao que não são, a projeção subjetiva emocional dos indivíduos sobre fatos ou pessoas etc. Todavia mesmo que o ser humano se encontre subjugado a falhas na manifestação da consciência, o destaque do presente trabalho se encontra exatamente em analisar a “elevação” do fenômeno da consciência a um *status* que ainda não havia sido considerado no percurso dos filósofos e na história da filosofia ao longo dos séculos.

Assim, tal fenômeno ingressou em um *patamar* de análise de conteúdos filosóficos que podem ser classificados como de nível “complexo” devido à multiplicidade de operações e sua confiabilidade no que se refere aos processos cognitivos efetuados e, especialmente pelos resultados obtidos. No que diz respeito ao aspecto da complexidade o fenômeno da consciência apresenta-se não de forma linear, mas ele abre inúmeras possibilidades de expressão, interpretação, sínteses e evidenciação do sujeito para si próprio – e pode ser manifesto de inúmeras formas diferentes (tendo as mesmas causas), ser fonte de diversas interpretações distintas sobre os mesmos objetos e preservar a idiosincrasia de cada um. Nesse sentido, ele se exprime de forma significativamente complexa. Já em relação à confiabilidade, o fenômeno em questão proporciona uma ligação entre causa e efeito (correspondência entre a realidade e aquilo que é visualizado sobre ela, na maior parte das vezes). Com isso, torna-se possível indicar que o nível mais complexo da consciência está atrelado a uma elaboração consciente de reflexões, teorias, investigações e aprofundamentos sobre si e sobre a realidade e isso veio integrar as discussões filosóficas a partir da então Modernidade nascente.

Contudo, de que forma essa percepção a respeito do fenômeno da consciência influenciou e veio provocando inquirições no campo da filosofia?

3. Consciência através do prisma neurocientífico

Sem sombra de dúvida desde as reflexões efetuadas sobre consciência por Descartes, na Modernidade, tal fenômeno tornou-se um elemento de abundantes perguntas e também de diferentes posicionamentos filosóficos e tem permanentemente chamado a atenção de cientistas e pensadores em geral. E até basicamente a metade do século XIX e início do século XX, parecia muito natural falar e tratar do fenômeno da consciência observando-a do ponto de vista cartesiano – que destaca tal nível complexo (“privilegiado”) de expressão e que viabiliza ao ser humano reconhecer a natureza, a vida, a si mesmo e o habilita a diferenciar objetos, processar informações, assentir ou rejeitar dados, entre tantas possibilidades.

Mais ou menos nas duas últimas décadas que se seguem entre o final do século XX e começo do XXI,

[...] o trabalho em neurociência cognitiva tornou-se especialmente frutífero, pois o desenvolvimento de novas técnicas para observar o cérebro, visando conhecer sua estrutura e função, permite-nos agora associar determinado comportamento que observamos, clinicamente ou em um experimento, não só a um correlato mental presumido desse comportamento, mas também a marcadores específicos de estrutura ou atividade cerebral (Damásio, 2000, p. 30).

Com o avanço científico, novos métodos, técnicas e aparatos proporcionaram descobertas consideráveis e as recentes conquistas teórico-experimentais em relação à estrutura cerebral constataram nela um dinamismo bioquímico, elétrico e a presença de neurônios e tantas outras apresentações biológicas e fenomênicas. Damásio (2000) elenca algumas observações neurológicas e neuropsicológicas, que são imprescindíveis para repensar o entendimento do fenômeno da consciência, tais como: que alguns processos da consciência podem ser relacionados à operação de regiões e sistemas cerebrais específicos – o que sustenta uma arquitetura neural e a consciência; que a consciência e o estado de vigília podem ser distintos; que a consciência e a emoção não se separam e, por último porém não menos importante, que consciência não é um monólito pelo menos em seres humanos e pode ser separada em níveis complexos e simples. Essas conquistas e descobertas suscitaram perguntas mais profundas sobre a expressão da consciência. E entre essas perguntas está: se a expressão da consciência humana não se caracteriza como um “monobloco” quais seriam os possíveis níveis que revelam mais sobre esse fenômeno?

Por meio das descobertas neurocientíficas já foram obtidas algumas distinções tais como a de que para se exprimir consciência em sua manifestação mais complexa e aprofundada é preciso que dimensões biológicas mais “elementares” funcionem equilibradamente (sem estar sob a influência de substâncias que alterem o seu desempenho de processamento cognitivo) e se encontrem organizadas em um âmbito psíquico, histórico e social – o que fornece ao sujeito a noção de si, de tempo e de espaço no qual ele está ou pode vir se encontrar. Infere-se daí que o âmbito fenomênico da consciência (e suas complexas funções desempenhadas) não exclui a proporção biológica e que esses polos (e talvez outros ainda desconhecidos na contemporaneidade) fornecem o embasamento da estrutura sobre a qual o sujeito racional transita.

Conforme afirma António Damásio (2011, p. 198), neurocientista português, “[...], em sua forma elementar, a consciência é um estado mental que ocorre quando estamos acordados e no qual existe o conhecimento pessoal e privado de nossa existência, situada em relação ao ambiente circundante do momento, seja ela qual for”. Ao ser assinalado e constatado esse nível elementar de expressão da consciência, do qual nossas percepções e reflexões também são fruto, visualiza-se que a consciência não é tão somente o nível complexo muito bem indicado por Descartes. O fenômeno em questão reserva níveis de manifestação bastante significativos e que podem ser de extrema importância para desvendar suas obscuridades teóricas e também para repensar a maneira como o campo da filosofia veio interpretando a consciência manifesta dos seres humanos.

As descobertas neurocientíficas tem possibilitado reconhecer, identificar e diferenciar os níveis de manifestação de consciência que, mesmo não mantendo a aparência de “estar ciente” de algo, ainda se revelam como ciência de algo e desafiam as explicações e teorias até o presente momento formuladas sobre esse fenômeno. E, “de certo modo, a investigação da neurobiologia da consciência tem como objetivo reduzir esse estado de ignorância” (Damásio, 2004, p. 209).

Em circunstâncias correntes do cotidiano não seria possível afirmar que pessoas que se encontram em estados vegetativos (ocasionados por diversos fatores tais como acidentes, doenças ou outros) manifestam qualquer tipo de consciência que os habilitaria a “perceber” a realidade e processá-la informacionalmente (apesar de não haver como emitir uma resposta ou comportamento que revele que a pessoa está consciente).

Evidencia-se que vigília e consciência não são sinônimos quando analisamos a condição neurológica conhecida como estado vegetativo. Os pacientes em estado vegetativo não têm nenhuma manifestação indicadora de consciência. Como na situação semelhante porém mais grave do coma, as pessoas em estado vegetativo não respondem a perguntas de quem as examina, nem apresentam sinais espontâneos de que têm alguma noção de si mesmas ou do que as cerca. E no entanto seus eletroencefalogramas, ou EEGs (os padrões de ondas elétricas produzidos continuamente pelo cérebro vivo) revelam os padrões alternados característicos do sono/vigília. Além de apresentarem EEGs com padrão de vigília, muitos desses pacientes têm os olhos abertos, ainda que seja um olhar vazio, não dirigido a nenhum objeto específico. Nenhum padrão elétrico desse tipo é visto nos pacientes em coma, uma situação na qual todos os fenômenos associados à consciência (vigília, mente e self) parecem estar ausentes (Damásio, 2011, p. 202).

Através do excerto da obra de António Damásio verifica-se que mesmo que não haja sinais normalmente reconhecíveis de expressão de consciência (através de comportamentos ou respostas linguísticas), haveria um nível biológico no qual mesmo sem haver vigília o ser humano ainda permaneceria ciente (ouvindo e provavelmente também sentindo alguma sensação). Ou seja, esse exemplo trazido por Damásio é indicativo de que um nível subjacente de consciência opera no ser humano antes mesmo de chegar à “superfície” e aos níveis mais complexos

considerados “superiores”, que habilitam ao sujeito a refletir e a interagir através da consciência por meio de tantas formas em sociedade. Dessa maneira, se torna presente a ideia de que os resultados das manifestações conscientes, com as quais os sujeitos entram em contato (reflexões, opiniões, teorias ...) quando interagem com outras pessoas, são formulados em diversos níveis diferentes e, ao final do processo consciente, aparecem como um pensamento ou ideia (ou teoria etc.).

Além disso,

a perturbadora condição do estado vegetativo também nos dá valiosas informações sobre outro aspecto das distinções que estou fazendo. Em um estudo que justificavelmente atraiu grande atenção, Adrian Owen conseguiu determinar, que o cérebro de uma mulher em estado vegetativo apresentava padrões de atividade congruentes com as perguntas e pedidos que um examinador lhe fazia. Nem é preciso dizer que essa paciente fora diagnosticada inconsciente. Ela não respondia abertamente às perguntas feitas nem às orientações dadas, e não fornecia espontaneamente nenhum indício de uma mente ativa. No entanto, seu exame de ressonância magnética funcional mostrou que as regiões auditivas de seus córtices cerebrais tornavam-se ativas quando lhe faziam perguntas. O padrão de ativação era semelhante ao que se pode ver em um sujeito normal consciente quando ele responde a uma pergunta comparável. Ainda mais impressionante é o fato de que, quando foi pedido à paciente que se imaginasse andando por sua casa, seus córtices cerebrais mostraram um padrão de atividade do tipo que podemos encontrar em sujeitos normais conscientes quando executam tarefa semelhante. Embora a paciente não revelasse exatamente esse mesmo padrão em outras ocasiões, desde então foram estudados alguns outros pacientes nos quais se encontrou um padrão comparável, embora não em todas as tentativas. Um desses pacientes, em especial, foi capaz de evocar respostas previamente associadas a *sim* ou *não* depois de passar por um treinamento (Damásio, 2011, p. 202-203).

Mesmo em situações nas quais a pessoa está inconsciente, conforme exemplo acima, a consciência está lá presente, porém falta ao sujeito em estado vegetativo a linguagem e o comportamento que lhe possibilitem fornecer as respostas que ele gostaria de disponibilizar. Apesar desse padrão não ter sido encontrado em todas as pessoas estudadas, conforme Damásio destaca, ainda assim é imprescindível levar em conta que o fenômeno da consciência indica que nele há a viabilidade de que mesmo sem as “condições normais de manifestação” a sua ocorrência se dê em diferentes níveis. Sobre esse exemplo no qual a paciente em estado vegetativo mostrou uma expressão de consciência o neurocientista António Damásio assim se posiciona:

O estudo indica que mesmo na ausência de todos os sinais comportamentais de consciência, pode haver sinais do tipo de atividade cerebral comumente relacionada a processos mentais. Em outras palavras, observações diretas do cérebro fornecem evidências compatíveis com alguma preservação de vigília e mente, enquanto observações do comportamento não fornecem indícios de que a consciência, no sentido descrito antes, acompanha tais operações. Esses importantes resultados podem ser parcimoniosamente interpretados no contexto das abundantes evidências de que processos mentais operam de modo não consciente [...]. Os resultados decerto são compatíveis com a presença de um processo mental e até de um processo do self em grau mínimo. Mas apesar da relevância dessas descobertas, cientificamente e também no aspecto dos procedimentos médicos, reluto em considerá-las evidências de uma comunicação consciente ou uma justificativa razoável para abandonarmos a definição de consciência apresentada anteriormente (Damásio, 2011, p. 203-204).

Certamente não seria o caso de abrir mão da interação consciente entre indivíduos que ocorre através dos “meios normais” (linguagem, comportamento, gestos, símbolos etc.) requeridos pelo convívio entre as pessoas. O reconhecimento desse dinamismo da expressão da

consciência como processo de percepção, decodificação e elaboração de informações em vários níveis revela ao campo filosófico que somos mais dependentes de nossos níveis “orgânicos”, biológicos e funcionais, e, por vezes, que poderiam ser chamados de “ilógicos” e “instintuais” (dos quais fazem parte as emoções) que contribuem na expressão da consciência – e não a impedem de se exprimir tal como se defendeu ao longo de séculos de ensaios filosóficos. Ainda não se encontra formulada e disponível uma clarificação sobre como os níveis estão conectados e interagem entre si. Abre-se um sucinto parêntese para fazer a seguinte consideração: possivelmente no futuro se estabelecerá uma explicação teórica sobre a integração entre os níveis de consciência no sujeito, contudo é notória essa integração entre os níveis elementar e complexo da consciência pois quando um nível elementar é afetado (devido à ingestão de alguma substância no organismo, perda de massa encefálica devido a alguma doença ou acidente etc.) praticamente sempre o nível mais complexo sofre algum tipo de interferência. É claro que em muitos casos a dinâmica biológica do corpo consegue suplantar os desafios e em casos de problemas no cérebro, a plasticidade neural consegue abrir possibilidades para outras formas de expressão da consciência. Todavia, esse é outro aspecto muito interessante e bastante obscuro que é pertinente ser abordado nas próximas sondagens sobre o tema.

Após esse breve parêntese, não é possível deixar de ressaltar que, conforme a pesquisa neurocientífica de Damásio, “esses importantes resultados podem ser parcimoniosamente interpretados no contexto das abundantes evidências de que processos mentais operam de modo não consciente”. Isto é, aquilo que a psicanálise identificou há mais de um século atrás, e que a filosofia insiste em não aceitar, resiste e faz objeções a tais descobertas (mesmo que essas fossem mais intuitivas do que científicas), a neurociência traz à tona esses resultados e experimentos científicos que dão suporte à ideia de que nos níveis subjacentes (biológicos) da consciência está presente uma parcela de não consciência que integra a expressão da “racionalidade superior/complexa” do ser humano. Isso significa que nem tudo o que sujeitos refletem ou produzem como conteúdo consciente se dá por vias que assumem “ideias claras e distintas”, segundo processamentos lógicos embasados em regras previamente estipuladas e que sublinham a diferenciação entre a expressão da consciência humana como uma “razão nobre” daquela dos demais seres como tradicionalmente é feito.³ Portanto, está presente uma parcela de influência não consciente que faz o sujeito produzir os resultados que deseja por vias não tão “racionais”. “Basicamente, na perspectiva da razão nobre, os diferentes cenários são considerados um a um e, para utilizar o jargão corrente da administração empresarial, é efetuada uma análise de custos/benefícios de cada um deles” (Damásio, 1996, p. 203).

Isso reporta este ensaio para o reconhecimento de que o fenômeno da consciência é um processo que acontece em níveis distintos, às vezes que se diferenciam no mesmo dia, às vezes ao longo do passar dos meses ou anos.

A consciência tem flutuações. Não funciona abaixo de certo limiar, e funciona de modo mais eficiente ao longo de uma escala nivelada. Vamos chamá-la de escala de “intensidade” da consciência, e vejamos exemplos desses níveis muito diferentes. Em alguns momentos, nos sentimos muito sonolentos e estamos prestes a nos entregar aos braços de Morfeu; em outros, participamos de um acirrado debate que requer muita atenção para os detalhes que vão surgindo. A escala de intensidade varia de entorpecimento à vivacidade, com todos os graus intermediários.

³ Este artigo não possui o intuito de fazer apologia a possíveis comparações entre a consciência manifesta a partir dos seres humanos e aquela presente nos animais. O que se nota é que constantemente o ser humano foi pensado e apresentado em um nível antropológico como símbolo do ser que mantém uma expressão de pensamento e reflexão que se daria toda em um nível racional, isto é, em que o sujeito estaria ciente de tudo aquilo que necessita para analisar algo ou tomar decisões e que não haveria pontos obscuros e/ou não conscientes na manifestação da consciência – aspecto que facilmente é atribuído aos demais seres presente na natureza.

Além da intensidade, existe outro critério para classificar a consciência. Ele está relacionado à *abrangência*. Uma abrangência mínima permite ao indivíduo o sentimento de si, por exemplo, quando está em casa tomando uma xícara de café, sem pensar de onde veio a xícara ou o café, sem se preocupar com o feito que a cafeína terá sobre seu ritmo cardíaco ou com o que terá de fazer hoje. A pessoa está tranquilamente presente no momento, e mais nada. Agora suponha que você está num restaurante, sentado à mesa tomando café e esperando seu irmão, que quer conversar sobre a herança deixada por seus pais e sobre o que fazer com respeito a sua meia-irmã, que tem andado meio esquisita ultimamente. Você ainda assim está muito presente no aqui-agora, mas além disso vai sendo transportado, alternadamente, a vários outros lugares, com muitas outras pessoas além do seu irmão, e para situações que você não vivenciou mas que são produtos da sua imaginação rica e bem informada. Você é capaz de recordar com rapidez partes da sua vida, e nesse mesmo momento da experiência também pode ter acesso, na imaginação, a partes do que sua vida poderá vir a ser (Damásio, 2011, p. 210, grifos do autor).

O nível da intensidade na manifestação da consciência revela o quão profundamente atentos, dedicados e vinculados com o próprio afeto os sujeitos estão direcionados para um assunto, pessoa ou acontecimento. E quanto mais interessar ou chamar a atenção de uma pessoa um certo conteúdo, mais profunda será a intensidade por meio da qual a consciência de cada indivíduo irá se exprimir.

Já no sentido da abrangência o aparecimento da consciência trata-se da amplitude através da qual uma pessoa percebe, aborda ou investiga uma circunstância e, por meio da reflexão, vai estabelecendo conexões ou mesmo resgatando acontecimentos ou projetando situações que a fazem ir de um lugar de sua história (ou da realidade) para outro, ou passar de um sentimento para outro em milésimos de segundos sem se ausentar do contexto (assim se imagina) no qual se encontra no “aqui-e-agora” de sua experiência de vida. Considera-se, então, que a abrangência do fenômeno da consciência é uma das características do nível complexo de consciência com a qual pessoas conseguem transitar e lidar com a multiplicidade de dados na vida cotidiana enquanto é possível ser ciente de algo. Dependendo do direcionamento abrangente que a consciência manifesta sobre os dados da realidade é possível aprofundar mais esses níveis diferenciados e os resultados dos conteúdos percebidos e analisados – que podem ser bastante contrastantes.⁴

Hoje em dia, em comparação com minhas suposições iniciais, vejo mais volatilidade na abrangência da consciência. A abrangência sobe ou desce constantemente ao longo de uma escala, como que movida por um cursor deslizante. Quando necessário, a subida ou descida pode ocorrer rapidamente *durante* um mesmo evento. Essa fluidez e esse dinamismo da abrangência não diferem muito da rápida mudança de intensidade que sabidamente ocorre ao longo do dia e à qual nos referimos. Quando nos entediamos assistindo a uma conferência, nossa consciência fica embotada, e podemos cochilar e perdê-la. Espero que isso não esteja acontecendo agora com meu leitor (Damásio, 2011, p. 211-212).

⁴ Em relação aos tipos de consciência, Damásio elenca os níveis da consciência central e o nível da consciência ampliada ou autobiográfica. Ele afirma: “[a] de abrangência mínima chamei de consciência *central*, o sentimento do aqui-agora, desembaraçado de muito passado e futuro. Ela gira em torno de um self central e nos dá a personalidade, mas não necessariamente uma identidade” (Damásio, 2011, p. 211). A abrangência mínima mostra o enfoque da consciência individual elementar se exprimindo de modo a cada um reconhecer o seu entorno, o tempo, o espaço, a natureza, os objetos e experiências do momento (por exemplo: o estar no trabalho, em uma festa, viajando, estudando, observando um evento da natureza/pessoal/objeto/outro ser etc.). Por outro lado, “[a] de grande abrangência chamei de *consciência ampliada ou autobiográfica*, pois ela se manifesta mais acentuadamente quando uma parte substancial da nossa vida está acontecendo, e tanto o passado vivenciado como o futuro esperado dominam a ação. Ela nos dá a personalidade e uma identidade” (Damásio, 2011, p. 211). Apresenta-se aí uma expressão da consciência em nível complexo – com a qual seres humanos teorizam a si próprios, a vida, os fenômenos e fazem analogias e inúmeras inferências sobre o mundo.

Com a variação da expressão dos níveis de consciência filosoficamente falando não haveria um ser humano com uma racionalidade tão linear e orientada o tempo inteiro por regramentos lógico-filosóficos tão rígidos e tão estreitamente delimitados dentro de certos padrões previamente estipulados. Ou seja, a perspectiva de expressão crítica e reflexiva manifesta pela consciência humana frente às circunstâncias, objetos ou pessoas possui muito de parâmetros de razoabilidade e consistência de pensamento (em que a conclusão não deve contradizer as premissas ao longo de um raciocínio lógico). Contudo, os sinais apresentados pela neurociência indicam que o processo de expressão de consciência por parte de um ser humano, por vezes, abre a porta e dá a chance para que na manifestação da consciência em nível complexo muitas das conclusões às quais um sujeito chega possam nem sequer ter sido avaliadas por esse nível, mas terem sido “aceitas” ou “rejeitadas” já em níveis elementares de consciência – o que influenciaria de forma não consciente o sujeito em seus processos de cognição, distinção, reflexão, tomada de decisão, dentre inúmeros outros. Os níveis diferenciados de consciência, seja em sua base elementar e complexa (e tantos outros níveis que ainda não são nominados), interagiriam entre si e exerceriam inúmeros processamentos até a chegada da manifestação da consciência propriamente dita – que é reconhecida pelo comportamento, linguagem, simbolismos etc., quando o sujeito observa a si próprio ou as outras pessoas. “O vasto inconsciente provavelmente faz parte do processo de organização da vida há muito, muito tempo, e o curioso é que ainda continua conosco, como o grande subterrâneo sob a nossa limitada existência consciente” (Damásio, 2011, p. 219).

Contempla-se, assim, que no panorama das investigações filosóficas o fenômeno da consciência apresenta a interferência de níveis que revelam a existência de uma provisoriedade e contingência racional na manifestação complexa da consciência, pelo fato de haver interferências de conteúdos que possivelmente são processados no nível elementar da consciência e são absorvidos “automaticamente” pelo sujeito e não passam pelo crivo da *re-flexão* minuciosa, metódica e deliberativa a respeito do seu conteúdo.

Note que:

[a]ntes de surgirem o self e a consciência elementar, os organismos já vinham aperfeiçoando um maquinário de regulação da vida, e sobre esses ombros a consciência veio a ser construída. [...] Antes da consciência, a regulação da vida era totalmente automatizada: uma vez nascida a consciência, a regulação da vida conservou sua automatização mas gradualmente foi posta sob a influência de deliberações auto-orientadas.

Portanto, os alicerces dos processos da consciência são os processos inconscientes que fazem a regulação da vida: as disposições cegas que regulam as funções metabólicas e residem nos núcleos do tronco cerebral e hipotálamo; as disposições que aplicam recompensas e punições e promovem os impulsos, motivações e emoções; e o maquinário mapeador que fabrica as imagens percebidas e evocadas e é capaz de selecionar e editar tais imagens no filme que chamamos de mente. A consciência é apenas uma recém-chegada no trabalho de gerir a vida, mas move todo o jogo uma casa à frente. Espertamente, mantém os velhos truques em funcionamento e deixa para eles os trabalhos braçais (Damásio, 2011, p. 220).

Em psicanálise a tese preponderante de Sigmund Freud, muito criticada há mais de um século, sobre a inconsciência incidindo sobre a consciência paulatinamente ganha a outorga de um apoio neurocientífico. Já no panorama filosófico o fenômeno de estar ciente (além das regras lógicas do pensamento e dos parâmetros de reflexão de conteúdos) foi interpretado e descrito por meio de diversos ensaios filosóficos a partir de cada tempo e de cada concepção histórica de quem os elaborou em sua época, conforme a visão (parcial) mantida pelos pensadores. Mas esses fragmentos de compreensão da manifestação da consciência começaram progressivamente a se

tornar peças de um quebra-cabeça que vem sendo explicado de maneira mais ampla no que tange aos seus níveis de expressão.

A partir do exposto, verifica-se neurocientificamente que “[...] os níveis de consciência flutuam durante uma situação” (Damásio, 2011, p. 212) e cada sujeito pode estar transitando em níveis distintos de consciência enquanto reflete sobre uma teoria ou mesmo enquanto traça uma estratégia para colocar um projeto em prática. Ao transitar em diversos níveis de consciência (entre o nível elementar e o complexo, e possivelmente entre outros níveis que podem vir a ser descobertos) cada sujeito está se servindo desses níveis para alcançar seus propósitos, sejam eles quais forem. Ao lado disso, por meio dessa circulação entre os níveis do presente fenômeno é que um sujeito também formula suas reflexões e avista conclusões, por vezes, sem nem mesmo acompanhar os passos a respeito de como chega ao resultado de uma manifestação da consciência (seja isso um pensamento, um posicionamento crítico frente a uma ideia, a escolha de algo que irá comprar, uma viagem que irá realizar, ou outra expressão qualquer do estado consciente). Damásio reforça a perspectiva – por muito tempo preterida – da incidência de níveis não conscientes (e outros, tais como o nível elementar) sobre a consciência e, nesse sentido, ele contribui para alterar o entendimento tradicional sobre esse fenômeno, de que não haveria na manifestação de estados conscientes a influência de conteúdos que o sujeito não estivesse ciente deles. Em seu livro *E o cérebro criou o homem* (2011), na parte IV intitulada *Muito depois da consciência*,⁵ Damásio afirma:

[g]raças ao fato de nosso cérebro ter conseguido combinar o novo governo possibilitado pela consciência com o velho governo baseado na regulação automática e não consciente, os processos cerebrais não conscientes estão à altura das tarefas que devem desempenhar em benefício das decisões conscientes (Damásio, 2011, p. 332).

Com isso se reconhece que a manifestação da consciência em nível complexo, ao ser influenciada por níveis elementares e também não conscientes, não coloca o sujeito em situação de desvantagem racional e nem mesmo o deixa sob o rótulo de falhar no processo lógico-inferencial quando ele se exprime de forma consciente. O nível elementar de consciência e o de não consciência possibilitaram aos seres humanos otimizar a expressão da manifestação da consciência no nível complexo (tanto no que se refere a diminuir o tempo de resolução de problemas ao traçar estratégias, quanto o de proporcionar o menor gasto energético cerebral possível para sobreviver).

4. Considerações finais

Dessa forma, ao ponderar sobre o exposto se chega ao apontamento de que o ser humano, ao se exprimir pela consciência complexa, não é tão “linear” e “puramente” racional como tradicionalmente vem sendo talhado na tradição filosófica. Constata-se que os resultados das inferências individuais são influenciados por conteúdos que transitam em níveis de consciência distintos (de não consciência, elementares e outros ainda não classificados) que podem não ser tão rigidamente “ordenados” e “coerentes” como os idealizados, almejados e classificados pelos padrões correntes e pelos filósofos durante séculos. Isso desmantela ensaios filosóficos que se embasam nas certezas (ou pelo menos no anseio que se possuía de que fossem certezas) mantidas na manifestação da consciência humana em seu nível complexo – como se esse nível se

⁵ Recomenda-se a leitura desse capítulo, pois nessa parte do livro Damásio apresenta um experimento que chama cada vez mais a atenção para o fato de que o nível complexo da consciência é profundamente influenciado por níveis mais elementares e não conscientes no que se refere a pessoas tomarem decisões e se beneficiarem com isso – o contrário do que em filosofia muitas vezes fora defendido fazendo referência a uma certa “não racionalidade” poder prejudicar o ser humano em suas escolhas pessoais e convívio em sociedade.

mantivesse isento de influências não conscientes, biológicas ou ainda não processadas pelo sujeito através de seu raciocínio.

Observa-se que o fenômeno da consciência nos seres humanos se exprime a partir de uma estimativa de que a vida regula-se sob níveis elementares e complexos de apreensão e distinções frente à realidade. Se há uma expressão complexa da consciência – que é reconhecida pela sofisticação de hipóteses criadas, pela maneira rebuscada de interpretar dados ou fazer elaborações conceituais – isso também provém de um nível consciente que é elementar e não consciente. Isso indica que a manifestação da consciência, entendida como a expressão da racionalidade humana não seria tão “pura”, tão “lógico-matemática” e nem tão “organizada” como tradicionalmente se postula em filosofia. Com isso se abarca a posição em relação a um dos objetivos específicos na medida em que é indicado o levantamento da discussão por parte da neurociência que pormenoriza a investigação sobre o fenômeno da consciência de modo a apostar e depositar confiança na descoberta a respeito de seus níveis.

Por meio dessas observações realizadas sugere-se que o campo da filosofia ainda está por reconhecer que o fenômeno da consciência não é dotado de tanta precisão e nem de tamanha assepsia inferencial, como por muito tempo se pressupôs, no que se refere a indivíduos realizarem uma análise de dados (a partir de uma perspectiva causal) e imaginarem que obterão um parecer não influenciado por nenhum tipo de conteúdo desconhecido (não conscientes), nem pelas vivências biológicas (elementares) e nem sequer por outros possíveis fatores externos ao sujeito. Por uma necessidade histórica de assegurar a confiabilidade dos resultados produzidos pelo fenômeno da consciência é que tal aspecto da vida humana ganhou ares de “infallibilidade”, de “assepsia” e “clareza” em relação às reflexões produzidas pelos sujeitos. A consciência complexa estaria em tal patamar de expressão (talvez “divinizado” ou “alienado”) no qual ela não poderia nem sequer ser tocada ou perturbada quaisquer que fossem as circunstâncias da existência do sujeito (doenças graves, condições de vida indigna, situações de perigo, iminência de morte, pressão psicológica etc.). Apesar de tudo isso o fenômeno da consciência ainda se manteria isento de interferências e possíveis alterações no que tange aos posicionamentos reflexivos formulados por um sujeito e, supostamente, as regras lógico-inferenciais estariam sendo seguidas de um modo impecável. O fenômeno da consciência ganhou ares de uma potencialidade humana que estaria blindada a qualquer tipo de conteúdo, emoção ou dados que pudessem interferir em sua expressão complexa. Firma-se com isso o resultado frente ao outro objetivo específico indicado no início do ensaio, que coloca em evidência a gênese da formulação desse conceito na modernidade.

Contudo, ao manter-se em concordância com essa postura, no período contemporâneo de tantas descobertas e tecnologias, muitos filósofos (boa parte deles) têm nutrido uma posição dogmática em não se predispor a repensar o fenômeno da consciência – o que contradiz o primado filosófico da inquirição. Por algum motivo, que não fica ainda bem claro, o fenômeno da consciência no âmbito da filosofia parece estar enclausurado e nem sequer se postula a possibilidade dele apresentar-se por meio de níveis de manifestação.

Em relação ao objetivo geral, ao qual se propõe o presente ensaio, ressalta-se que não é mais possível aos filósofos, seja a qualquer linha de pesquisa assumida e à área da filosofia como um todo, continuarem em uma posição de não observância e reatividade ao biológico, emocional, instintual – componentes que historicamente foram considerados como faces opostas (e opostas diretas!) da expressão complexa da consciência. Alguns grupos de filósofos e linhas de pesquisa estão se aliando às pesquisas científicas e nutrido certa simpatia em relação às descobertas realizadas e servindo-se delas para analisar filosoficamente o mundo circundante. É pertinente frisar que ciência e filosofia eram irmãs gêmeas que nasceram juntas na Antiga Grécia, mas que apenas exerciam funções diferentes que se complementavam: uma questionar e a outra testar. Na atualidade, tais áreas parecem se desconsiderar de maneira veemente.

Portanto, nesse sentido, ao explorar os níveis de consciência e visualizar as descobertas neurocientíficas que apontam para (e, além disso, comprovam) a interferência da biologia, de conteúdos não conscientes e de tantos outros aspectos na expressão complexa da consciência é imprescindível à filosofia, como uma das áreas do conhecimento, repensar sua proposta em relação à interpretação dos conceitos que mantém e também – fundamentalmente – no entendimento que possui do ser humano.

Com a velocidade dos avanços metodológicos e técnicos e as conquistas epistemológicas – e as influências que esses acréscimos exercem sobre o ser humano – é mister reconhecer que o fenômeno da consciência se expressa de maneira multifacetada, processual e sob o influxo de um sem número de itens que não foram ainda “contabilizados” nas categorias filosóficas – e que já fazem parte de várias áreas do conhecimento (biologia, psicanálise, física etc.).

Em relação ao fenômeno da consciência, em sua expressão complexa, ainda se reflete sobre ele de forma filosófica a partir de categorias dogmáticas, rígidas e pouco dispostas a uma abertura paradigmática. Contrariando essa imobilidade conceitual em filosofia que coloca um acento muito grande na valorização da consciência em seu patamar mais complexo, o desenvolvimento deste ensaio se propôs mostrar que há um “quê” de não reconhecido e não deliberável na expressão mais complexa da consciência de um sujeito e que inegavelmente integra a existência do sujeito e que filósofos precisam iniciar um reconhecimento desse terreno (mesmo que possa ser nebuloso). Surge então o dilema: não seria este o momento oportuno de filósofos entrarem na barca da neurociência e transitarem nos lagos das pesquisas científicas e assumirem posicionamentos de maior integralidade no que se refere às reflexões sobre o ser humano e seus níveis de expressão consciente? Talvez uma posição assim proporcione à área da filosofia levar em conta a investigação do fenômeno da consciência no ser humano sem o duro preconceito em relação à extensão biológica humana, que continuamente é imaginada como “inferior”, “prejudicial” e como “má influência” para o intelecto.

Ao se reconhecer que o fenômeno da consciência não é tão “linear”, tão “puro” e nem tão lógico-matemático isso faz surgir muitos e novos desafios para a filosofia. Um desses desafios está em dialogar com as ciências e as neurociências – sem possibilidade de postergação – para que sejam mais adequadamente compreendidas as trilhas (biológicas, químicas, elétricas) que incidem sobre a expressão de tal fenômeno e geram os diferentes níveis de expressão do sujeito quando ele se apresenta consciente em sua existência.

O fenômeno da consciência é consciência efetivamente na medida em que o todo do ser humano está englobado nos processos perceptivos. Entretanto abarcar o nível de consciência complexo como um todo indivisível não é o entendimento mais adequado no panorama que foi possível perceber aqui, pois na verdade ele é apenas uma parcela entre os demais processos perceptivos que integram esse fenômeno – que recebe diversas influências em sua estruturação como as necessidades vitais, os desejos, as emoções em geral e os conteúdos desconhecidos inerentes a cada sujeito. Assumir possíveis níveis de expressão da consciência pode gerar incertezas nos mais diversos pensadores, pelo fato de não ser possível prever exatamente as consequências conceituais e empíricas desse postulado. Com isso pode emergir a apreensão de que a filosofia seja tragada por outra área em ascendência, como a neurociência. Todavia, quanto mais for postergado o reconhecimento dos variados níveis de expressão de consciência do sujeito – e o conseqüente diálogo entre ciência e filosofia –, maiores serão as dificuldades de analisar o ser humano de um ponto de vista integral e maior será o distanciamento das ciências consideradas como “duras”, que tanto fornecem subsídios para o filosofar. Assumir a expressão da consciência em diferentes níveis será um pequeno grande passo para a “humanidade” da filosofia, isto é, o ser humano deixará de ser visto e tratado de uma forma reduzida, compartimentada e desconexa de sua própria condição de ser e passará a ser visualizado e reconhecido de um ponto de observação mais humano (não tão idealizado) e que possui variadas

formas de expressão – que não devem ser dispensadas e, ao invés disso, integradas e exploradas através de diversas vias.

Referências

- BONJOUR, L.; BAKER, A. *Filosofia: textos fundamentais comentados*. 2.ed. Tradução de André Nilo Klaudat et al. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DAMÁSIO, A. R. *E o cérebro criou o homem*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DAMÁSIO, A. R. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DAMÁSIO, A. R. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. Tradução de Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DAMÁSIO, A. R. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- DESCARTES, R. *Meditações sobre filosofia primeira*. Tradução de Fausto Castilho. São Paulo: Editora Unicamp, 2004.
- GULIK, R. V. Consciousness. In: ZALTA, E. N. (Ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2014. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/consciousness/>>
- HATFIELD, G. René Descartes. In: ZALTA, E. N. (Ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2014. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/descartes/>>
- LORMAND, E. Consciousness. In: Crane, T. (Ed.) *Routledge Encyclopedia of Philosophy*, 1998. Disponível em <<https://www.rep.routledge.com/articles/consciousness>>
- MARCONDES, D. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 13.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2010.
- PARRY, R. Ancient ethical theory. In: ZALTA, E. N. (Ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2014. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/ethics-ancient/>>
- SIMHA, A. *A consciência, do corpo ao sujeito – análise da noção: estudo de textos: Descartes, Locke, Nietzsche, Husserl*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2009.